

BRANCO-MESTIÇO OU BRANCO-NÃO-BRANCO?: o caso de Odilon Lébarre da Cidade do Príncipe, século XIX

Maiara Silva Araújo¹

RESUMO:

O presente estudo refere-se a um exercício micro-histórico, onde buscamos examinar a trajetória de vida de Odilon Lébarre, indivíduo definido nas fontes paroquiais como pardo e como branco, em momentos diferentes da sua vida. Odilon viveu na Cidade do Príncipe, que corresponde atualmente ao município de Caicó, onde exerceu o ofício de agricultor, tipógrafo, comerciante e livreiro. Portanto, o nosso espaço de análise, nessa pesquisa, foi o da Cidade do Príncipe na segunda metade do século XIX. Por fim, para composição dessa pesquisa, partindo de uma abordagem micro-histórica, fizemos uso, sobretudo, de fontes paroquiais e judiciais.

PALAVRAS-CHAVE: Micro-história; Cidade do Príncipe; Mobilidade de qualidade/cor.

WHITE-MESTIZO OR WHITE-NON-WHITE?: The case of Odilon Lébarre
from Cidade do Príncipe, 19th century

ABSTRACT:

The presente study refers to a micro-historical exercise, where we seek to examine the life trajectory of Odilon Lébarre, an individual defined in documents as brown and white, at different moments in his life. Odilon lived in city of Principe, which currently corresponds to the municipality of Caicó, Where he worked as a farmer, typographer, merchant and bookeseller. Therefore, our space of analysis, in this research, was city of Principe in the second Half of the 19th century. Finally, to compose this research, starting from a micro-historical approach, we made use, above all, of parish and judicial documents.

KEYWORDS: Microhistory; Prince's City; Quality/color Mobility.

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte sob a orientação do Prof. Dr. Helder Alexandre Medeiros de Macedo. Professora na Escola Municipal Professora Ascendina Lustosa e membro do grupo de pesquisa SERCOL – Sociedade e Cultura em sertões coloniais: história e historiografia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2264849120203768>; E-mail: maiarasa@yahoo.com.br.

Breves apontamentos sobre micro-história e o estudo de genealogias não-brancas

Afinal, o que é micro-história? Giovanni Levi, em entrevista realizada em Roma, em 1990, com o título *O pequeno, o grande e o pequeno*, afirmou o seguinte:

Em poucos dias eu tenho de entregar um artigo sobre o que é a micro-história e estou desesperado! Tento sempre ir ao cinema, não pensar no assunto, porque é realmente muito difícil. [...] Pode-se talvez dizer que para muitos a opção micro-histórica é uma espécie de declaração de desilusão, uma espécie de rebelião contra o fato de certas generalizações não responderem adequadamente aos problemas que colocávamos [...]. (Levi, [1990] 2017, p. 166)².

Partindo dos apontamentos apresentados por Levi na citação acima, a micro-história pode ser compreendida como um posicionamento historiográfico capaz de responder de modo mais minucioso a determinados problemas que não poderiam ser abordados a partir de certas generalizações produzidas pela história.

A micro-história, emergiu na Itália a partir de um debate intelectual entre historiadores, como, por exemplo, Giovanni Levi, Carlo Ginzburg e Giulio Einaudi, que se colocavam como contrários a certas generalizações produzidas pela história, que não respondiam aos questionamentos que eram colocados por alguns historiadores italianos do século passado ([1990] 2017, p. 176).

Nessa perspectiva, entre as décadas de 1970 e 1980, a micro-história foi engendrada como um caminho historiográfico que propunha que a história produzida na Itália pudesse se renovar, pudesse criar algo próprio, superando uma certa dependência colonial da invenção de outros, de outras formas de produzir história (Levi [1990] 2017, p. 176). O que estava em pauta nesse contexto era a

² Giovanni Levi foi entrevistado em Roma em 1990 e o texto originalmente foi publicado pelo número 10 da revista Meridiana. Essa entrevista pode ser acessada através do seguinte link: <http://www.rivistameridiana.it/files/Intervista-a-Giovanni-Levi.pdf>. A versão que tivemos acesso em português foi publicada em 2017 na Biblioteca digital SciELO.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

certeza de que era preciso abrir espaço na produção historiográfica para as incertezas, as imprecisões, evitando, desse modo, a construção de análises arbitrárias, totalizantes e a micro-história era um mecanismo que poderia possibilitar isso a história.

O historiador brasileiro Ronaldo Vainfas (2002, p.51) em seu livro *Os protagonistas anônimos da História: micro-história*, construiu uma análise introdutória pertinente aos pesquisadores interessados em fazerem uso da micro-história em suas pesquisas. Vainfas, começou o seu estudo apontando o que a micro-história não é. A micro-história não se trata de uma história das mentalidades, não se trata de uma história local ou regional, não se trata de uma história menor. A micro-história é uma forma de fazer história, uma abordagem, que pressupõe a redução da escala de observação de um determinado objeto histórico. A micro-história é, sobretudo, um problema de escala.

Existem alguns livros clássicos que são essenciais na compreensão dessa redução de escala de observação, como *O Queijo e os vermes*, escrito por Carlo Ginzburg e publicado em 1976, *O retorno de Martin Guerre*, escrito por Natalie Zemon Davis, publicado em 1982 e, por fim, *A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*, escrito por Giovanni Levi e publicado no ano 2000.

O livro *O Queijo e os Vermes*, tomado aqui como exemplo, narra a história de um moleiro alfabetizado, o Menocchio. A partir da trajetória de vida de Menocchio, Ginzburg, que reduziu a sua escala de análise para compreender a vida de um indivíduo específico, abordou elementos da conjuntura histórica na qual esse personagem constituiu as suas vivências. Nesse livro, é possível entender sobre os limites do cristianismo católico na Europa do século XVI. É possível refletir sobre as heresias no contexto da Contrarreforma, sobre os limites da inquisição, e,

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

sobretudo, sobre a circularidade cultural existente na época entre grupos sociais distintos.

Desse modo, fica evidente que a redução de escalas na micro-história significa asseverar que o historiador trabalha, como pontua o historiador francês Jacques Revel (1998), através de um jogo de escalas. O historiador parte do micro, ou seja, reduz a sua escala de observação e através dessa redução compreende questões do macro. Questões essas que em uma análise apenas quantitativa ou serial³, por exemplo, poderiam não ser percebidas, pelas generalizações que essas abordagens pressupõem.

Ainda sobre essa questão da redução de escalas, citamos agora um estudo realizado por um historiador brasileiro, dos sertões do Seridó, especificamente, que se refere também ao nosso recorte espacial de análise nesse estudo. Estamos nos referindo aqui às pesquisas produzidas e publicadas nos últimos anos pelo historiador Helder Macedo.

No livro *Outras Famílias do Seridó: genealogias mestiças nos sertões do Rio Grande do Norte (séculos XVII-XIX)*, publicado no ano 2020, Helder Macedo, a partir da análise de trajetórias de pessoas não brancas, como o crioulo forro Nicolau Mendes da Cruz, salientou a existência de outras genealogias nos sertões do Seridó, que não eram brancas.

As pesquisas desenvolvidas por Macedo (2020) contrapõem obras da historiografia dita tradicional ou positivista, produzida no século passado sobre o Seridó, como, por exemplo, os estudos de Manoel Dantas (1941), José Augusto Bezerra de Medeiros ([1940] 2002), José Adelino Dantas (1977) e, para não nos estendermos, Olavo de Medeiros Filho (1981; 1983). Esses autores, em linhas gerais,

³ Sobre uma abordagem quantitativa e serial, sugerimos a leitura dos textos do historiador francês François Furet, presentes no livro *Teoria da História*, organizado pela historiadora Maria Beatriz Nizza Silva.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

se preocuparam com as ditas “grandes famílias do Seridó”, pessoas de ascendência portuguesa e tidas como sendo as representantes do povo seridoense.

Helder Macedo, ao estudar através de uma abordagem micro-histórica genealogias não brancas, como as indígenas, crioulas, pretas e mestiças, como foi o caso do crioulo forro Nicolau Mendes da Cruz, problematizou elementos da conjuntura colonial dos sertões do Seridó. Macedo, em suas análises, destacou que pessoas não brancas conseguiram constituir famílias extensas, acumular bens e legar esse patrimônio aos seus descendentes.

Essa análise micro-histórica do passado dos sertões do Seridó nos possibilita perceber que mesmo em uma sociedade delineada pelo processo de colonização empreendido por Portugal, pela violência do cativo e pelo genocídio indígena poderiam ser construídos lugares sociais por pessoas não brancas. Famílias mestiças, crioulas, indígenas e pretas conseguiram mobilizar mecanismos de acúmulo de bens materiais ou imateriais, manifestos na posse de terras, gados, escravizados, bem como no estabelecimento de relações de parentesco consanguíneo e espiritual que possibilitavam acessos a espaços concebidos, *a priori*, para um determinado grupo social.

Apesar de rígidas, as estruturas sociais do contexto colonial dos sertões do Seridó não eram imutáveis e entre os diferentes indivíduos existia uma circularidade de vivências, de redes de solidariedades e de heranças materiais e imateriais que eram compartilhadas nos diferentes tempos e espaços nos quais estabeleciam as suas histórias de vida. Essa assertiva pode ser materializada, retornando agora à historiografia micro-histórica produzida na Itália, no caso de Giovan Battista Chiesa.

A capacidade de Giovan Battista de construir carreira como exorcista na estrutura do Antigo Regime, como demonstra o estudo de Giovanni Levi (2000), está associada a um conjunto de estratégias familiares e individuais que foram mobilizadas no passado pelo seu pai, Giulio Cesare Chiesa. Essa herança imaterial

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

problematizada por esse historiador italiano, demonstra como mesmo em uma conjuntura marcada por hierarquias sociais profundas algumas pessoas conseguiam construir um lugar de atuação próprio e legar isso para os seus descendentes.

As minúcias das experiências de vida de Giovan Battista, de um Menocchio, de um Martin Guerri e, porque não de um crioulo forro dos sertões do Seridó, como Nicolau Mendes da Cruz, poderiam não ser percebidas e examinadas em análises generalizantes do social. Devido aos limites de estudos totalizantes, saliento a importância de um exame qualitativo do passado, de um estudo micro-histórico, fundamentado no indivíduo, em seus registros de vida e que nos possibilita compreender de forma mais complexa problemas de conjuntura.

As vivências, sejam elas de pessoas comuns ou extraordinárias, sendo estas últimas aquelas que fogem a ordem social estabelecida, colocam em evidência a complexidade das relações estabelecidas em determinada sociedade e a capacidade de pessoas comuns de mobilizarem estratégias de inserção e ascensão social.

Para finalizar o primeiro momento desse texto, queremos destacar um caso que coloca em relevo a pertinência de uma análise micro-histórica do passado. Ano passado, enquanto catalogávamos fontes paroquiais, realizamos um exame quantitativo e serial de livros de matrimônios, acerca das qualidades dos indivíduos que casaram nos sertões do Seridó.

Os livros de casamentos examinados foram dois, o livro nº 1, concernente aos anos de 1788-1809, e o livro 2º, referente aos anos de 1809-1821. Os documentos citados correspondem a 1.166 registros de indivíduos, onde as qualidades de noivo/noiva foram declaradas pelos sacerdotes que realizaram e/ou anotaram a ocorrência dessa cerimônia.

Em nosso estudo quantitativo e serial desses registros de casamentos, em um documento em Word, listamos os nomes de cada noivo/noiva, as suas qualidades e

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

condições presentes nas fontes. Após esse primeiro momento, realizamos um cruzamento de fontes através do método onomástico de Carlo Ginzburg e Carlo Poni (1989). Dessa maneira, buscamos esses indivíduos que casaram nos sertões do Seridó em outros documentos, como nos livros de Batismo, referentes aos anos de 1803-1806, 1814-1818 e 1818-1822, respectivamente, e Óbito, concernentes aos anos de 1788-1811 e 1812-1838, respectivamente.

Nessa análise minuciosa de cruzamento de dados, anotamos os nomes dos descendentes desses casais que localizamos e as suas respectivas qualidades e condições no mesmo documento em Word⁴ que havíamos elaborado inicialmente. Esse exame qualitativo nos possibilitou perceber, dentre outros elementos, que nem sempre as qualificações dos descendentes dos casais que constituíram famílias nos sertões do Seridó dialogavam.

Citamos aqui um exemplo, para não nos estendermos, presente no livro de Casamento nº 02 da Freguesia do Seridó. Nessa fonte, localizamos o matrimônio de Damázio Pereira e Maria da Conceição. Nessa cerimônia, realizada no dia 30 de maio de 1817, na capela de Santa'Ana, em Currais Novos, Damázio Pereira, índio, uniu a sua história de vida a de Maria da Conceição, cabra. Maria da Conceição levava consigo um passado marcado por mesclas e pela escravidão⁵. Ela deu à luz ao seu primeiro filho, Manoel, no dia 02 de novembro de 1818.

No dia seguinte ao seu nascimento, Manoel já foi levado a pia batismal pelos seus pais e deu início ao seu ingresso na dinâmica social da época, delineada pelos signos do cristianismo. Manoel foi batizado no Tororó e os seus pais não tiveram as suas qualidades e condições evidenciadas nessa ocasião. Ele, aos olhos de quem o definiu, o padre André Vieira, foi tido como branco⁶ nesse rito católico.

⁴ Importante salientar que elaboramos documentos separados para os livros de matrimônios 1 e 2.

⁵ Livro de Matrimônio nº 2, 1809-1821, p.101-101v.

⁶ Livro de Batismo nº 1, 1803-1806, s.p.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Em uma análise demográfica apenas quantitativa ou serial dos livros de Batismo da Freguesia do Seridó, Manoel, criança definida como branca, mas filha de um pai indígena e de uma mãe mestiça, seria quantificado na categoria branco. Todavia, em uma análise micro-histórica, que pressupõe um exame exaustivo de fontes diversas, é possível que perceber que Manoel tinha ascendência indígena e mestiça invisibilizada nesse rito cristão. Cabe agora ao historiador micro-histórico tentar entender o porque dessas mudanças de qualidade. O que possibilitou que Manoel fosse definido como branco? O que permitia que pessoas não-brancas mudassem de qualidades nas fontes nas quais eram qualificadas pelas autoridades da Igreja ou da Justiça?

Nesse sentido, é evidente que um estudo micro-histórico do passado, fazendo uso dos métodos onomástico (Ginzburg; Poni, 1989) e indiciário (Ginzburg, 1989), a partir da sua redução de escala de observação e de sua análise intensiva de um conjunto diverso de fontes pode oferecer complexidade para uma análise macro-histórica do passado.

Passemos agora ao segundo momento desse texto, onde, de modo sucinto, buscaremos elencar alguns elementos da história de vida Odilon Lébarre, fazendo uso de uma abordagem micro-histórica do passado.

Odilon Lébarre, um branco-não-branco dos sertões do Seridó

Sobre Odilon Lébarre, ou Odilon Acursio de Avila Oliveira, nome que recebeu ao nascer, o primeiro contato que tivemos com ele foi ano passado, através de uma fonte com a qual não estamos habituados a trabalhar: processos-crimes. Nesse documento, Odilon figurava como réu de uma tentativa de homicídio contra Lúcio, jovem liberto, que havia pertencido, enquanto fora escravizado, ao Tenente-Coronel José Bernardo de Medeiros.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

A tentativa de homicídio, como foi qualificada pela promotoria na época, teria ocorrido da seguinte forma, apresentando aqui uma das versões sobre esse acontecido presente na fonte: na manhã do dia 14 de março de 1886, entre às 7 e 8h da manhã, estava sentado próximo à cacimba do Rio Seridó, em uma “ruma d’Areia que se tirára da Cacimba⁷” Lúcio. Lúcio, sentado ao lado do jornalista João Pereira de Souza, certamente conversando sobre as atividades cotidianas, enquanto os moradores da Cidade do Príncipe retiravam água da cacimba para as atividades diárias, foi alvo de um disparo de arma de fogo.

Interrompendo a calma das atividades costumeiras na cacimba, chegou Odilon Acursio portando uma espingarda. Ele se dirigiu a Lúcio, ficou a uma “distancia de vinte palmos pouco mais ou menos” e disse o seguinte: “senhor ladrão preto; você [...] não debica mais de homem”. Após isso, disparou um tiro que atingiu Lúcio de leve na cabeça⁸.

Façamos agora um exercício de imaginação histórica. O cenário que estava posto, na manhã do dia 14 de março de 1886, era o de uma cacimba, localizada no rio Seridó, cujo curso d’água banhava as províncias do Rio Grande e da Paraíba. Essa cacimba, precisamente, estava localizada na Cidade do Príncipe, atual município de Caicó. Nesse espaço, pessoas comuns realizavam as suas atividades cotidianas. Lavadeiras enchiam vasilhas com água enquanto um liberto e um jornalista conversavam sentados em uma ruma de areia. Essa experiência de lugar, de trocas, de possíveis afetos e partilhas de vida foram momentaneamente silenciadas pelo disparo de uma arma de fogo.

Segundo Odilon, esse tiro foi acidental e ele havia saído de casa, portando uma espingarda, porque iria caçar. Em meio as diferentes narrativas sobre esse

⁷ Rio Grande do Norte. Cidade Judiciária de Caicó (CJC). Comarca de Caicó (CC). Processo crime contra Odilon Acursio de Avila Oliveira, 1886. Projeto: crime e castigo: escravos nos processos judiciais do Seridó (século XIX), transcrição do documento realizada por Helder Alexandre Medeiros de Macedo.

⁸ Idem

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

acontecido, que no momento não cabem nesse texto, Odilon após ficar preso por cerca de dois meses na casa de Cadeia da Cidade do Príncipe, após o julgamento e a decisão do júri foi inocentado.

Partindo dessa fonte, fazendo uso do método micro-histórico, método onomástico e indiciário, localizamos Odilon em outras fontes históricas e conseguimos unir alguns fios da sua trajetória de vida, que o associava a outra família que já havíamos estudado em 2013, os Fernandes das Neves.

Seguindo a ideia da imaginação histórica, pensemos agora sobre outro cenário, que não envolve os imbróglis de uma possível tentativa de homicídio. O evento ao qual estamos nos referindo não ocorreu na cacimba de um rio. O pano de fundo posto nesse momento é o de um templo cristão, especificamente o da Igreja Matriz do Seridó. Estamos nos referindo, particularmente, ao ano de 1869, contexto no qual veio ao mundo, na Cidade do Príncipe, Odilon. Ele, filho legítimo de Pedro Antônio de Oliveira e de Maria Manoella da Conceição, foi levado pelos seus pais à pia batismal, seguindo os ritos da vida cristã, no dia 30 de janeiro de 1869, quando tinha apenas 17 dias de vida. Nessa ocasião, foi classificado como pardo e como P, denotando a sua ascendência não europeia, e, portanto, mestiça⁹.

Partindo desse registro, conseguimos conectar Odilon a genealogia Fernandes das Neves, uma parentela não branca, como já salientei, que já havia estudado anteriormente.

Odilon era trineto de Luzia Fernandes das Neves e de João Antônio Ferreira das Neves, bisneto de Maurícia Ferreira das Neves e de Manoel de Souza Franco e neto de Mariana Ferreira da Conceição e de Manoel de Souza Franco, sendo, portanto, membro da 3ª geração de uma genealogia constituída por indivíduos qualificados nas fontes paroquiais e judiciais, sobretudo, como pardos.

⁹ Livro de Batismo nº 4, 1866-1871, p. 103.

João Antônio Ferreira das Neves, trisavô de Odilon, foi identificado na documentação militar, quando tinha a idade de 54 anos, como pessoa branca¹⁰. Ele se casou com Luzia Fernandes das Neves e, com esta, deu início a uma família extensa, constituída, conforme conseguimos localizar na documentação consultada até o momento, por 8 filhos, 24 bisnetos, 9 trinetos, 10 tataranetos e uma criança que foi acolhida em sua casa após ser exposta, recebendo o nome de Lourenço.

A reconstrução da genealogia Fernandes das Neves é produto de alguns anos de pesquisas nas fontes paroquiais, judiciais e militares. Os Fernandes das Neves, até onde conseguimos precisar nas fontes, começaram a vida no sítio das Almas, Ribeira do Sabugí e viveram na passagem do século XVIII para o século XIX. Assim como outras famílias dos sertões do Seridó, de acordo com os bens presentes nos inventários de João Antônio Ferreira das Neves, essa parentela desenvolvia atividades de cuidado com a terra e a criação de animais, possuindo entre os seus bens escravizados, gados e instrumentos de trabalho utilizados na agricultura¹¹.

Odilon viveu em um contexto histórico diferente dos seus trisavós. Nascido em 1869, acompanhou até a sua morte, o fim da escravidão e a proclamação de uma República. Ele cresceu na Cidade do Príncipe, que no século XIX, especificamente no ano de 1872, contava com cerca de 9.847 habitantes, sendo destes, 9.105 pessoas livres e 742 pessoas na condição de escravizados¹².

Na segunda metade do século XIX, a Cidade do Príncipe ainda se destacava economicamente pela pecuária e o desenvolvimento da agricultura de subsistência. Entretanto, eventos na conjuntura internacional, como a Guerra de Secessão dos Estados Unidos (1860-1864), possibilitou que a Província do Rio Grande, que antes

¹⁰ Assentos de praça e Baixas entre os anos de 1698 a 1820 – Arquivo Histórico do IHGRN.

¹¹ LABORDOC. FCC. 1°CJ. Inventários *post-mortem*. Inventário de João Antônio Ferreira das Neves. Inventariante: Luzia Fernandes das Neves. Termo da Vila Nova do Príncipe, Comarca da Paraíba e Capitania da Paraíba do Norte, 1809. (Manuscrito).

¹² BRASIL. Recenseamento Geral do Império do Brasil em 1872. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, [1974?].

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

fornecia algodão para as Províncias vizinhas, como Paraíba e Pernambuco, passasse a abastecer o mercado internacional, exportando algodão para a industrial têxtil inglesa.

Apesar da importância do algodão para a economia da Província do Rio Grande e conseqüentemente para a Cidade do Príncipe, Odilon cresceu em uma cidade marcada pela extrema pobreza, segundo os estudos da historiadora Maria Regina Mendonça Furtado Mattos. De acordo com a autora, o final da década de 1860 e a década de 1870, por exemplo, foram delineadas pela fome, provocada pela falta absoluta de gêneros alimentícios em decorrência das estiagens. (Mattos, 1985, p.105).

Tentando avançar no tempo, aos 17 anos de idade, especificamente no ano de 1886, Odilon foi acusado de um crime, como já elucidamos. Nesse contexto, ele afirmou que sabia ler, escrever e que vivia como agricultor¹³, atividade econômica que também havia sido realizada pelo seu trisavô, João Antônio Ferreira das Neves.

Partindo do micro, para o macro, de acordo com o censo de 1872, realizado 14 anos antes do fatídico evento da cacimba do Seridó, existia na Cidade do Príncipe 541 homens que desenvolviam atividades agrícolas, sendo, desses, 431 homens livres e 110 homens na condição de escravizados¹⁴. A atividade agrícola, desenvolvida na Cidade do Príncipe no século XIX, consorciada à pecuária, demonstra a importância dessas práticas laborais para as famílias dos sertões do Seridó, tendo em vista que desde o contexto colonial as atividades de cuidado com o gado e com a terra eram as que movimentavam a vida dos homens e mulheres desse espaço e asseguravam as suas sobrevivências (Macêdo, 2007).

¹³ Rio Grande do Norte. Cidade Judiciária de Caicó (CJC). Comarca de Caicó (CC). Processo crime contra Odilon Acurso de Avila Oliveira, 1886. Projeto: crime e castigo: escravos nos processos judiciais do Seridó (século XIX), transcrição do documento realizada por Helder Alexandre Medeiros de Macedo.

¹⁴ BRASIL. Recenseamento Geral do Império do Brasil em 1872. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, [1974?].

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Seguindo a trajetória de vida de Odilon, é possível observar que em determinado momento da sua vida ele decidiu deixar a agricultura e buscar novas formas de sobrevivência. Em 1889, por exemplo, ele trabalhou como tipógrafo do jornal O Povo, que começou a circular na Cidade do Príncipe em 9 de março de 1889.

A atuação de Odilon como tipógrafo nesse jornal foi de apenas três meses, visto que em 22 de junho do mesmo ano, Odilon deixou a oficina do jornal O povo e transferiu-se para o Recife (Medeiros Filho, 1988, p.13).

Acreditamos que a breve estadia de Odilon na tipografia do jornal O Povo esteve associada ao seu desejo de ascensão financeira, visto que, aparentemente, ele foi desligado desse periódico voluntariamente. Na concepção do jovem Odilon, a praça do Recife poderia oferecer melhores recursos para sua sobrevivência. Talvez ele estivesse mesmo certo, visto que, O Povo encerrou a sua circulação no dia 19 de setembro de 1892 por falta de recursos (Medeiros Filho, 1988, p.14).

Não temos notícias sobre o desempenho de Odilon na praça do Recife a partir do ano de 1889. Contudo, temos conhecimento de que ele conseguiu se dedicar a atividade comercial na Cidade do Príncipe, como desejava, ao ponto de no seu registro de óbito, essa ter sido considerada a sua profissão.

No Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ), referente aos anos de 1891 a 1940, conseguimos também localizar nos anos de 1918 e 1919, referência à atividade comercial realizada por Odilon na cidade de Caicó. Nessa fonte, Odilon Lébarre foi identificado como sendo dono de uma fábrica de cigarros, charutos e fumos. É possível encontrar nessa fonte referência a fábrica de cigarros, charutos e fumos de Odilon até o ano de 1926, demonstrando, desse

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

modo, certa estabilidade dessa atividade, que, apesar de não sabermos quando teve início, era realizada pelo menos desde o ano de 1918¹⁵.

Além da estabilidade profissional, Odilon também já havia nesse contexto se casado e constituído a sua própria família. Ele havia unido a sua história de vida a de dona Luzia Lucida Vale. No entanto, diferentemente dos outros registros de matrimônio que analisamos até o momento, o casamento de Odilon e de Luzia não ocorreu, inicialmente, na Igreja Católica. O casal citado, no dia 28 do mês de julho de 1903, compareceu na casa do vigário da cidade de Caicó, onde foi dito por Odilon que eles já haviam se casado civilmente por um emissário luterano, ou seja, Odilon e Luzia, a princípio, foram casados na fé protestante.

Segundo Odilon, um pastor luterano havia iludido “a pobre Luzia a seguir o exemplo de seu infeliz pae, afastando da Religião de Jesus Christo.” Devido a isso, diante dos que ali se achavam “e muitos seculares declarou ella abjurar do nefasto erro em que cahira e seguir a mesma religião em que nascera” e professava “o seu esposo”. Após Luzia ter abjurado do seu pecado e o casal ter se confessado, foram casados conforme o credo da Igreja Católica¹⁶.

Apesar de Odilon e de Luzia terem abjurado a esse credo quando casaram, em 1903 na Igreja Católica, acreditamos que é possível que Odilon tenha permanecido seguindo o protestantismo, pelo menos publicamente. Conjecturamos isso tendo como base o livro de Adauto Guerra (2018), onde Odilon foi identificado como dono de uma tipografia e como sendo protestante na cidade de Caicó, entre os anos de 1906 e 1914.

Até onde conseguimos precisar nas fontes, Odilon e Luzia não tiveram filhos. Luzia, fazia parte de uma genealogia tida como sendo importante para sociedade da

¹⁵ Almanak Laemmert: administrativo, mercantil, e industrial do Rio de Janeiro, 1891-1940, p. 3606; 3604.

¹⁶ Livro de Casamentos, 1788-1967, p.1903.

época, por ter se originado a partir de um casal que teria vindo de Portugal: João Maria Valle e Maria Joaquina de Aguiar.

A genealogia Vale no livro *Breve genealogia da família Vale*, de autoria de José Hélio de Medeiros (2009), é analisada como sendo uma família ilustre dos sertões do Seridó, que constituiu uma família extensa a partir de dois portugueses, que se estabeleceram no Rio Grande do Norte na segunda metade do século XIX. Essa família, com ascendência lusitana, ocupou espaços institucionais na cidade de Caicó, como, por exemplo, Ignácio Gonçalves Vale, que foi escrivão do cartório de Caicó ou Olegário Gonçalves de Medeiros Vale, advogado, delegado de polícia e relator do jornal O Povo.

Essa genealogia, que é tratada no livro citado como uma das grandes famílias do Seridó, possuía entre os seus membros uma pessoa nascida nos sertões do Seridó e produto das diferentes camadas das mestiçagens: Odilon. Apesar de Odilon ter atuado na imprensa da Cidade do Príncipe, posteriormente nomeada como Seridó, e, por fim, como Caicó, em julho de 1890 (Medeiros Filho, 1988, p.6), bem como no comércio desse espaço, desconhecemos livros que abordem a sua trajetória de vida e dos seus antepassados pardos. Ele, além de ter sido agricultor, tipógrafo e comerciante, foi também o proprietário da primeira livraria da Cidade do Príncipe (Medeiros, 2000, p.34).

Por fim, Odilon teve uma vida longa, faleceu aos 100 anos de idade, no dia 02 de maio de 1969. No ano anterior, a sua esposa Luzia já havia falecido. As informações sobre o seu óbito foram fornecidas por um membro da família Vale, no caso, João Maria Vale, que era motorista na cidade de Caicó. Segundo João Maria Vale, Odilon faleceu sem assistência médica e em vida havia sido comerciante e uma pessoa de “côr branca”. Odilon, que havia nascido como pardo, embranqueceu após a sua morte¹⁷.

¹⁷ Livro de Óbitos, 1968-1970, p.250.

Considerações não finais

Em um estudo quantitativo e serial sobre as cores dos indivíduos listadas nos livros de Batismo e Óbito da Cidade do Príncipe, nomeada posteriormente como Caicó, como já aludimos, entre os anos de 1869 e 1969, Odilon teria sido listado como indivíduo pardo nos dados referentes ao livro de Batismo e como branco nas informações constantes sobre os livros de Óbitos. Ele seria contabilizado nas duas fontes, em momentos diferentes, e, possivelmente, não seria abordado como o mesmo indivíduo. Dessa maneira, uma análise micro-histórica, quando associada a um exame quantitativo e serial, pode oferecer mais complexidade a conjuntura histórica examinada.

Sem uma análise micro-histórica da vida de Odilon é possível que ele passasse como uma “pessoa branca”, pela sua atuação na Cidade do Príncipe na imprensa, no comércio, pelas relações que constituiu e por ter sido listado desse modo na ocasião de seu óbito. Entretanto, um cruzamento intensivo de fontes possibilitou que associássemos os fios da trama social de Odilon ao de sua bisavó, Maurícia Ferreira das Neves, mulher definida como parda, e a outros membros da família Fernandes das Neves, também definidos como pardos. Essa análise evidenciou que Odilon se tratava, portanto, de um branco-mestiço ou um branco-não-branco.

A trajetória de vida de Odilon demonstra as suas estratégias de ascensão social, mas não apenas isso. A partir dela podemos falar sobre a mobilidade das cores/qualidades, sobre o porquê de Odilon ter embranquecido nas fontes, sobre a imprensa na cidade de Caicó, sobre o protestantismo nessa sociedade, marcada fortemente pela religião Católica e a fé em Nossa Senhora Santana e tantos outros elementos da conjuntura da Cidade do Príncipe do século XIX.

Por fim, a micro-história, nos permite reduzir a escala de análise e perceber elementos que seriam desconsiderados em estudos generalizantes. Acreditamos que

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

é possível que os nossos estudos micro-históricos, digo nosso, porque partilho com os historiadores Helder Macedo, Alda Medeiros, Matheus Barbosa e outros pesquisadores, evidencie que o Seridó é um espaço de ascendência mais mestiça do que imaginávamos.

REFERÊNCIAS

Fontes:

Livro de Batismos nº 1, 1803-1846; Livro de Batismos nº 2 1818-1822; Livro de Batismos nº 3 1825-1831; Livro de Casamentos nº 1, 1788-1809; Livro de Casamentos nº 2, 1809-1849; Livro de Óbitos nº 1, 1788-1811; Livro de Óbitos nº 2, 1812-1838.

LABORDOC. FCC. 1º CJ. Inventários *post-mortem*. Inventário de João Antônio Ferreira das Neves. Inventariante: Luzia Fernandes das Neves. Termo da Vila Nova do Príncipe, Comarca da Paraíba e Capitania da Paraíba do Norte, 1809. (Manuscrito).

RIO GRANDE DO NORTE. Cidade Judiciária de Caicó (CJC). Comarca de Caicó (CC). Processo crime contra Odilon Acursio de Avila Oliveira, 1886. Projeto: crime e castigo: escravos nos processos judiciais do Seridó (século XIX), transcrição do documento realizada por Helder Alexandre Medeiros de Macedo.

BRASIL. Recenseamento Geral do Império do Brasil em 1872. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger.

ALMANAK Laemmert: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro: 1891-1940.

Bibliografia

AUGUSTO, José. **Famílias Seridoenses**. 2 ed. Natal: Sebo Vermelho, [1940], 2002.

DANTAS, José Adelino. **O coronel de Milícias Caetano Dantas Correia**: um inventário revelando um homem. Natal: CERN, 1977.

DANTAS, Manoel. **Homens de Outr'ora**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1941.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, [1976] 2006.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e sinais**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989, p.143-275.

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989. p. 169-191.

FILHO, Adauto Guerra. **Caicó e sua história no tempo**. Caicó, 2018.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. Rústicos cabedais: Patrimônio e cotidiano familiar nos sertões do Seridó. (Séc. XVIII) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal: EDUFRN, 2007.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **Outras famílias do Seridó: genealogias mestiças nos sertões do Rio Grande do Norte (séculos XVIII-XIX)**. Curitiba: CRV, 2020.

MATTOS, Maria Regina Mendonça Furtado. **Vila do Príncipe – 1850-1890 sertão do Seridó – um estudo de caso da pobreza**. 1985. Dissertação (Mestrado em história), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1985.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhas famílias do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1981.

MEDEIROS FILHO, Olavo. **Caicó, cem anos atrás**. Brasília, 1988.

MEDEIROS, José Hélio. **Breve genealogia da família Vale**. Natal: O autor, 2009.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In.: REVEL, Jacques. (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 15-38.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da História: micro-história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade